

Ano I – nº 71 – Fortaleza/CE – edição: 21.12.2009

Siderúrgica cearense em Manaus

DIÁRIO DO NORDESTE (Negócios – Egídio Serpa) - Cresce a empresa Aços Cearenses, controlada e comandada pelo empresário Vilmar Ferreira. Em sociedade com a Vale, a Aços Cearenses construirá, no coração da Zona Franca de Manaus, uma usina siderúrgica que produzirá tubos e perfis destinados ao mercado nortista, onde ela já tem outra siderúrgica em Marabá (PA). O investimento será de R\$ 20 milhões.

PE: Mais negócios e vagas no setor metalúrgico

JORNAL DO COMÉRCIO (PE) - Uma das indústrias metalúrgicas que está prevendo bons negócios para o ano que vem, e a consequente contratação de mão de obra, é a paulista Simisa, instalada em Ponte dos Carvalhos, no Cabo de Santo Agostinho. Seu diretor de operações, Antônio Balau, relata que a recuperação dos negócios já começaram neste segundo semestre e tendem a aumentar no primeiro semestre do próximo ano. “Tivemos de reduzir pessoal durante 2009, mas voltamos a contratar. Já foram 20 novos postos neste final de ano e até julho esperamos contratar mais 50 pessoas, pelas nossas previsões de negócios de 2010”, disse Balau. Atualmente, a indústria possui 340 funcionários e acredita que pode chegar a 400.

Apesar de ser uma empresa da área metalúrgica, Balau explica que o perfil do seu negócio não permite contratos grandes com o estaleiro. Por outro lado, o investimento da argentina Impsa na área de energia eólica criou um novo mercado. “Vamos começar a fornecer para eles peças fundidas e usinadas. Estamos nos capacitando tecnologicamente para isso, pois a energia eólica é um grande mercado para o Nordeste, que tem aptidão natural para este tipo de energia. Além disso, o setor vem sendo incentivado pelo governo através do Prominp. Estão previstos muitos investimentos neste segmento para os próximos três anos”, comentou Balau. O Prominp é o Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural (Prominp) que tem por objetivo ampliar a participação da indústria nacional no fornecimento de bens e serviços para o segmento energético.

A Simisa tem 24 anos de atuação e está presente em Pernambuco há 17, atraída pela indústria da cana-de-açúcar. Este setor, aliás, é outro que tem bom potencial para gerar negócios no ano que vem. “Por causa da crise, o setor sucroalcooleiro deixou de investir em maquinário para focar na produção. Com os sinais de melhora, a indústria vai voltar a investir em peças novamente”, salientou. A Simisa trabalha com uma expectativa de crescimento de até 20% no setor metalmeccânico. O faturamento da empresa está na casa de R\$ 350 milhões anuais.

Autopeças não acompanham ciclo de recuperação em 2010

FOLHA DE S.PAULO - Na contramão das montadoras, a indústria de autopeças passa por um processo de desinvestimento que continuará ao longo de 2010. Neste ano, até novembro, a indústria investiu cerca de US\$ 900 milhões, quase metade do valor aplicado no ano passado (US\$ 1,6 bilhão), de acordo com o Sindipeças (Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores). A previsão para 2010 é que o valor se reduza ainda mais. A principal razão é a perda da rentabilidade das empresas, ocasionada pela valorização do câmbio, que provoca maior presença de produtos importados e obriga as fabricantes nacionais a reduzirem suas margens para manter o volume de vendas, diz o presidente do Sindipeças, Paulo Butori.

"Para fazer investimento, tem que ter rentabilidade, e está muito difícil ganhar dinheiro com as montadoras, que são nossos principais clientes", diz. De acordo com ele, no quadro atual as fabricantes se sentem coagidas pelas montadoras a reduzir os preços para não ver um esvaziamento em suas carteiras de pedidos.

"Em vez do clima de euforia por conta do aumento da produção de carros, estamos vivendo um clima de preocupação. A nossa margem caiu cerca de 30% neste ano", afirma o presidente do Sindipeças.

Butori diz que, além do câmbio valorizado, há o problema adicional da redução de 40% da TEC (Tarifa Externa Comum) do Mercosul para autopeças, o que facilita a entrada de produtos de fora do bloco. Assim, cresce a participação de importados da Ásia no mercado de autopeças. "Com isso, geramos emprego fora do país."

Como resultado, Butori afirma que já há empresas deixando o mercado. O Sindipeças acionou o governo para tentar uma solução, mas não teve resposta "efetiva" até agora. "Lá fora, a produção de carros caiu drasticamente, então há uma sobra de peças que buscam mercado nos países em que a produção cresce", afirma Butori.

Investimento de montadoras terá 1ª queda em seis anos

Em 2010, porém, aporte no setor deve chegar a US\$ 3 bi, maior volume da história / Neste ano, investimentos terão queda de até 24% em relação a 2008, por conta do impacto da crise global, segundo associação do setor

FOLHA DE S.PAULO (PAULO DE ARAÚJO) - As montadoras vão encerrar este ano com a primeira redução no nível de investimentos desde 2003. Mas essa baixa, provocada pela crise global, será sucedida por uma retomada em 2010, com o maior volume já investido pelo setor no país. Dados da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores) obtidos pela Folha mostram que os aportes das montadoras em 2009 vão fechar entre US\$ 2,2 bilhões e US\$ 2,3 bilhões, um decréscimo de até 24% em relação a 2008. No ano que vem, entretanto, o valor chegará a cerca de US\$ 3 bilhões, o maior em toda a história.

"A crise enxugou os investimentos no primeiro semestre deste ano. A decisão de voltar a investir ocorreu no segundo semestre, em razão da retomada do mercado. E o reflexo disso nós veremos em 2010", afirma o presidente da Anfavea, Jackson Schneider. Segundo ele, mesmo que as empresas não tenham determinado cortes definitivos, parte dos investimentos planejados foi adiada.

"Houve um reposicionamento ao longo do tempo por conta da desconfiança que a crise trouxe", afirma. Mas, recentemente, passada a fase mais aguda da crise, a indústria automotiva apresentou planos bilionários para os próximos anos.

A Volkswagen anunciou que irá investir R\$ 6,2 bilhões no país entre 2010 e 2014. Trata-se do maior aporte da empresa já realizado no Brasil em reais. A Ford anunciou plano de investimento de R\$ 4 bilhões para o período 2011-2015, também o maior valor investido pela montadora desde sua chegada ao país, há 90 anos.

A GM (General Motors) já informou que até 2012 irá investir uma média de R\$ 1 bilhão por ano. Na semana retrasada, foi a vez de a Renault anunciar investimento -R\$ 1 bilhão até 2012.

"Sem dúvida, esse é um ciclo de investimentos muito importante. Estamos falando em cerca de R\$ 15 bilhões nos próximos anos. E novos anúncios virão em 2010", diz Schneider.

De acordo com o presidente da Anfavea, esse montante será aplicado não só em ampliação da capacidade produtiva, mas também em engenharia e desenvolvimento de produtos. A indústria automotiva trabalha com a meta de ampliar sua capacidade instalada de 4 milhões de veículos por ano para 5 milhões até 2013.

"Mas não será só isso. O Brasil entrou em uma fase em que não é mais possível deixar uma dessas dimensões para trás. Por isso, o perfil de investimentos desta vez é mais amplo do que no passado."

GERAÇÃO DE RECURSOS O Brasil estará nos próximos anos entre os países que mais receberão investimentos da indústria automotiva no mundo, de acordo com Letícia Costa, vice-presidente da consultoria Booz & Company Brasil.

"O Brasil é o quinto maior mercado e o sexto maior produtor de veículos. Tirando a China, é provavelmente um dos países mais atraentes para investir. Já está comprovado que o país tem um potencial relevante, e todos tentarão aproveitar", afirmou.

Mas, com o impacto que as matrizes sofreram por conta da crise global, as montadoras terão de levantar a maior parte dos recursos internamente.

A General Motors do Brasil, subsidiária de uma das empresas que mais sofreram com a crise nos Estados Unidos, por exemplo, já anunciou que seus investimentos serão fruto de geração própria de caixa.

Segundo executivos do mercado ouvidos pela reportagem, a dificuldade maior será para as montadoras que se instalaram no país mais recentemente e cujos volumes de vendas são menores.

Nesse caso, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) desempenhará papel importante. Além da General Motors, a Renault já anunciou que "boa parte" dos recursos aplicados nos próximos anos será financiada pelo banco de fomento. Dados dos BNDES mostram que foram desembolsados neste ano -até a última sexta-feira- R\$ 450,6 milhões para projetos de montadoras. No ano passado, o valor foi ainda mais alto -R\$ 633,8 milhões.

Minério de ferro: Anglo American obtém licenças para Minas-Rio

VALOR ECONÔMICO - O sistema Minas-Rio, projeto de mineração e logística da Anglo Ferrous Brazil, deu dois passos importantes na sexta-feira para avançar no projeto de produzir e embarcar 26,5 milhões de toneladas de minério de ferro a partir de meados de 2012. Trata-se de um investimento que vai custar à mineradora sul-africana Anglo American, da qual a Anglo Ferrous é subsidiária, US\$ 3,6 bilhões. A empresa obteve licença de instalação (LI) para a área da mina e outorga da barragem de rejeitos.

A LI para a área da mina e da planta de beneficiamento, em Conceição do Mato Dentro e Alvorada de Minas foi concedida pelo Conselho de Política Ambiental (Copam), em reunião ocorrida em Diamantina. "Com a licença em mãos, estamos concretizando o maior projeto mundial da Anglo American", afirma o diretor de Sustentabilidade da Anglo Ferrous Brazil, Willer Pós.

A licença foi concedida para as obras de terraplanagem em toda a área da mina e do beneficiamento. A segunda etapa da LI vai contemplar a construção civil, montagem metal-mecânica, abertura da mina, pilha de material estéril, barragem de rejeitos e adutora de captação de água.

Também na sexta-feira, a Anglo Ferrous Brazil obteve a outorga da barragem de rejeitos do sistema Minas-Rio, a ser instalada na divisa dos municípios de Alvorada de Minas e Conceição do Mato Dentro. O pedido de outorga foi julgado aprovado pelo Comitê de Bacia Hidrográfica do Rio Santo Antônio, após receber o parecer favorável do Igam (Instituto Mineiro de Gestão das Águas) e do GTOC (Grupo Técnico de Outorga e Cobrança) que é integrante do Comitê da Bacia. A barragem será implantada quando a Anglo obtiver a LI da fase 2.

A Anglo Ferrous Brazil vinha enfrentando algumas dificuldades em obter a licença de instalação da mina e esta outorga, o que agora ajuda a acelerar o projeto.

Na semana passada, a presidente mundial da Anglo American, Cynthia Carroll, esteve no Brasil visitando as unidades da empresa no Rio, Belo Horizonte e São Paulo. Essas boas notícias para a companhia, que tem planos de ficar entre as cinco maiores do mundo na produção de minério de ferro, vieram logo após sua estadia no país. Vale, Rio Tinto e BHP Billiton dominam esse mercado com quase 70% das vendas entre mares.

Estratégia: Aquisição da Cimpor e venda de parte de Casa de Pedra serão bases para criar gigante internacional

CSN faz lances ousados em cimento e ferro

VALOR ECONÔMICO - O movimento da CSN para diversificar e internacionalizar seus negócios ganha força com a oferta de compra de 100% da cimenteira portuguesa Cimpor por € 3,86 bilhões (quase R\$ 10 bilhões) e passa pela venda, em uma oferta pública de ações (OPA), da mina de ferro Casa de Pedra, que fica em Congonhas (MG). Investidores aguardam a operação para meados de 2010 e estimam que renda aos cofres da CSN algo entre US\$ 3,3 bilhões e US\$ 5 bilhões se decidir vender 25% do capital da nova empresa que reunirá ativos de mineração e logística (ferrovia e porto).

Analistas ouvidos pelo **Valor** calculam que esse negócio - que inclui Casa de Pedra, 60% da mineradora Namisa, o terminal portuário em Itaguaí (RJ) e a participação na ferrovia MRS Logística - valha de US\$ 13 bilhões a US\$ 20 bilhões. O montante varia conforme a base de cálculo - menor se considerar o preço do minério de ferro no longo prazo (que tende a cair) e maior se utilizar o de curto prazo, que apresenta tendência de alta.

Estão previstas ofertas primária e secundária de ações da nova empresa de mineração da CSN, em fase de gestação. A siderúrgica acaba de anunciar a cisão desses ativos para migrá-los para a nova companhia. A aposta na venda de 25% baseia-se no fato de que a mineradora deveria ofertar ao mercado o percentual mínimo para ser listada no Novo Mercado.

O plano de Benjamin Steinbruch, principal acionista, presidente do conselho e presidente da diretoria, é montar a quarta maior mineradora de ferro do mundo, com capacidade de produção de 100 milhões de toneladas por ano.

Os recursos obtidos com a OPA de Casa de Pedra poderão reduzir o endividamento da CSN, que ficaria elevado, caso tenha sucesso na aquisição da cimenteira. Analistas divergem sobre o potencial de alavancagem com a operação. Os números variam: entre relação de 2,4 a 3,7 vezes o Lajida sobre a dívida líquida da companhia. Além da oferta, a CSN herdaria uma dívida da Cimpor de € 1,8 bilhão.

A fatura pode ficar mais cara caso Steinbruch tenha de elevar o valor da oferta se houver recusa dos acionistas ou entrada na disputa de outros grupos. O prêmio de 5% proposto sobre o valor da ação foi considerado baixo. O papel, na sexta-feira, teve alta de 16%.

A avaliação é que a provável venda pela CSN de uma parte de seus ativos de minério de ferro e logística garante um conforto para Steinbruch elevar sua proposta pela Cimpor. Ele poderia reduzir no curto prazo o passivo líquido e equilibrar o balanço da companhia ainda em 2010. Feito isso, o próximo passo do empresário é a reestruturação dos negócios da CSN, seguindo o modelo de Eike Batista. O plano envolve a criação de uma holding de capital fechado que teria sob seu guarda-chuva as várias divisões de negócios da CSN, todas transformadas em companhias de capital aberto.

Para Pedro Galdi, analista da SLW Corretora, essa seria uma boa iniciativa, pois a diversificação em curso está descaracterizando a CSN. A holding passaria a abrigar a CSN Siderurgia (de aços planos e longos), a CSN Cimentos, que incorporaria a Cimpor, cujo capital seria fechado), a CSN Mineração (Casa de Pedra e parte da Namisa) e até uma CSN Logística.

Galdi diz que o primeiro passo da reestruturação já foi dado na semana passada quando o conselho aprovou o estudo para fazer a cisão dos ativos de mineração e logística. Ao seu ver, se a CSN conseguir comprar a Cimpor, ela ficará pressionada pela dívida no curto prazo, mas terá ganho no longo prazo, por conta da reestruturação, que a transformaria num conglomerado mundial de peso.

Na sexta-feira, o mercado reagiu mal à oferta da CSN para comprar a cimenteira: suas ações caíram quase 6% na Bovespa. Analistas e consultorias, como Ivan Fadel, do Credit Suisse, avaliaram que a aquisição pode representar boa oportunidade de diversificação e internacionalização para a CSN. Mas consideraram elevada a oferta, de 9,3 múltiplos de Lajida da Cimpor. Rodrigo Ferraz, da Brascan Corretora, alertou que o robusto caixa da CSN não é capaz de cobrir o valor integral da oferta e a dívida líquida subiria muito. Ambos apontam que a siderúrgica entra em um mercado que não tem sinergias diretas com seus principais negócios - aço e mineração. De 60% a 70% da receita da Cimpor vem de mercados emergentes.

Analistas do Itaú Securities consideram a aquisição racional e que a CSN faria uma consolidação num negócio com margens elevadas, ganhando uma marca global forte. Mas por outro lado, temem o risco de uma "guerra de ofertas" pela Cimpor desencadeada pela proposta da CSN. Esse setor já é bem consolidado e os grandes grupos globais podem se movimentar para barrar a entrada da CSN. A Cimpor tem dois grandes grupos portugueses como principais acionistas - Teixeira Duarte (23%) e Manuel Fino, com 11%. A francesa Lafarge, líder mundial, detém 17% do capital. Os três vivem desde maio entre si um conflito de interesses, o que fragilizou a empresa e atraiu o interesse de vários grupos.

Hoje, está prevista uma reunião do conselho de administração da Cimpor, na qual os conselheiros vão analisar a oferta da CSN. Poderão rejeitar ou acatá-la, mas isso não

significa o desfecho. Cada acionista decidirá sozinho. A aprovação da oferta da CSN pelas autoridades, após efetivada em dez a 20 dias, levará de dois a três meses.

Disputa e nacionalismo contra Steinbruch

VALOR ECONÔMICO - O preço final da Cimpor, caso Benjamim Steinbruch deseje mesmo ficar com ela, não se limitará aos US\$ 5,5 bilhões da oferta. O empresário, além de enfrentar resistências de caráter nacionalista - como o pedido de intervenção do Partido Comunista local ao governo -, terá de elevar o prêmio sobre o valor das ações da empresa, alvo de cobiça de mais grupos.

A Camargo Corrêa não se considera fora do jogo. Segundo fonte próxima, vem há cerca de um ano emitindo sinais de interesse pela companhia, da qual já foi sócia minoritária no início desta década. "Tem um conceito de negócio mais interessante que o da CSN, pois valoriza a permanência do centro de decisão em Portugal", informou, sem dar detalhes.

A aquisição da cimenteira portuguesa, presente em mais de 10 países, com capacidade de produção de 32 milhões de toneladas, faz sentido para vários grupos, diz um executivo do setor. Permite um grande salto para quem levá-la - passará a figurar entre os dez maiores do mundo. No Brasil tem participação de 9% do mercado, como terceira maior fabricante - a CSN sai de estreante para nº 3 de imediato, podendo chegar ao segundo lugar em 2011. A Camargo saltaria para vice-líder, com 18% do mercado brasileiro.

Desde 2006, com a compra da Loma Negra, a Camargo Corrêa é líder na Argentina, com metade do mercado. Lá, tem capacidade de 7 milhões de toneladas; no Brasil, 8 milhões de toneladas. Se comprasse a Cimpor, ficaria globalmente maior que a Votorantim, que está apta a fazer 33 milhões de toneladas no Brasil e América do Norte.

A CSN está de olho no aumento da demanda de cimento no Brasil. Começou a fabricar o produto em Volta Redonda (RJ) há seis meses. O consumo no país tem aumento previsto de 6% em 2010, mantendo ritmo de PIB nos anos seguintes, com obras de infraestrutura (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíada de 2016, entre outras) e pelo boom imobiliário, puxado, com alta da renda, crédito e planos habitacionais populares. Além do aço plano que já faz, ela deseja oferecer a esse mercado aços longos e cimento.

Artigo: O Ceará na era do aço (Pedro Brito)

O POVO (19.12.09) - Finalmente, depois de quase 50 anos, o sonho de o Ceará ser produtor de aço (em forma de placas), utilizando minério de ferro como matéria-prima, a partir de uma siderúrgica se tornou realidade.

O sonho que começou na segunda metade do século XX e que, agora, neste início do XXI, esta se transformando em realidade vai com certeza mudar o perfil socioeconômico do Ceará, colocando-o entre os Estados mais importantes da Federação. Sua concretização não aconteceu de graça nem por impulso. Foi o resultado do trabalho e do empenho de vários

governantes desde quando, no início dos anos de 1960, o então governador Virgílio Távora visualizou que a industrialização do Ceará seria uma das alternativas para tornar o Ceará viável, verdadeiramente grande.

Outra ação importante e emblemática foi quando, em 1992, o então governador Ciro Gomes brigou com setores governamentais para definir a localização do empreendimento. Depois como ministro da Integração e até agora como deputado federal. O fato é que o ato solene que marcou o começo das obras & aliás, já iniciadas & entrará para a história na medida em que representará o início de uma nova e definitiva era para o Estado.

Apreciando referido projeto, apontado como o maior do segmento no País, bastará apenas um dado para se ter uma ideia da sua grandiosidade: quando a sua primeira etapa estiver concluída em 2013, a siderúrgica do Pecém & CSP & produzirá três milhões de toneladas de aço/ano, o suficiente para fazer mais de quatro milhões de veículos. As previsões indicam que o PIB cearense deverá experimentar um incremento da ordem dos R\$ 10 bilhões, quando da sua expansão.

Nessa primeira etapa, ainda segundo as previsões, serão gerados 15 mil empregos diretos e cerca de oito mil indiretos. E que, depois de concluída, a planta que tem como sócios a coreana Dongkuk e a brasileira Vale empregará quatro mil colaboradores, criando também outros 10 mil postos de trabalho indiretos.

Os recursos serão igualmente grandiosos. Só para controle e monitoramento dos possíveis impactos ambientais, por exemplo, serão aplicados algo em torno de R\$ 2,5 bilhões. A preservação do meio ambiente, aliás, é ponto de honra do grupo empreendedor.

O governador Cid Gomes e, por conseguinte todos os cearenses têm sobrados motivos para festejar a chegada deste valioso empreendimento, que significará não apenas a sua redenção econômica, mas promissoras perspectivas para as futuras gerações.

O dia 16 de dezembro de 2009, portanto vai entrar para a história do Estado como sendo o ponto zero da entrada do Ceará na era do aço, depois de atravessar séculos produzindo e vendendo charque e algodão do sertão central. Agora, vai abastecer o Brasil e o mundo de aço! (**Pedro Brito** - *Ministro-chefe da Secretaria Especial de Portos da Presidência da República*)

O dinheiro belga no Pecém

O POVO - 19.12.09 (Vertical S/A – Jocélio Leal) - O instituto belga CUD (Cooperação Universitária ao Desenvolvimento), que oferece recursos para programas de desenvolvimento social em vários países, confirmou a aprovação de um projeto que integra a UFRJ, a Université Libre de Bruxelles (ULB) e a Universidade Federal do Ceará (UFC). Vai liberar até 1 milhão de euros nos próximos 4 anos. O novo projeto intitulado **“Apoio à criação em metalurgia e em ciência dos materiais na Universidade Federal do Ceará no âmbito do desenvolvimento social da região Nordeste do Brasil”**, vai financiar a viagem de professores da ULB e do Metalmat da Poli/UFRJ para ministrar aulas no recém-criado Curso de Metalurgia na UFC, além de conceder bolsas de estudos para estudantes do Ceará estudarem no Rio de Janeiro ou em Bruxelas. Também vai realizar encontros periódicos de professores orientadores nas três universidades.

Uma das exigências do governo belga foi oferecer na grade curricular de estudantes da graduação de Metalurgia matérias relacionadas ao meio ambiente. Assim, professores do Departamento de Recursos Hídricos e Meio Ambiente (DHRIMA) da Poli/UFRG virão ao Ceará e à Bélgica para ministrar aulas. **Um dos principais benefícios será a formação de engenheiros metalúrgicos para a nova Companhia Siderúrgica de Pecém.** A Coluna de 17 de novembro passado informara a cooperação de pesquisa entre as instituições e a garantia de 400 mil euros da Bélgica para começar a funcionar já em 2010.

Estaleiro cearense garante recursos para construção

O Fundo de Marinha Mercante (FMM) aprovou recursos para 161 projetos. Dentre eles está o Promar Ceará, estimado em R\$ 100 milhões

O POVO (ANDREH JONATHAS) - O Fundo de Marinha Mercante (FMM) aprovou ontem os projetos que vão ser beneficiados com um financiamento extraordinário de R\$ 14,2 bilhões nos próximos quatro anos. O estaleiro Promar Ceará, que concorre à licitação da Transpetro para a construção de oito navios gaseiro, foi um dos contemplados com o recurso.

O empreendimento cearense tem um valor estimado de cerca de R\$ 100 milhões. O FMM pode financiar até 90% do projeto. Além do Ceará, dois grandes projetos na Bahia e um em Alagoas também tiveram as propostas aprovadas.

O recurso foi disponibilizado pelo FMM de uma só vez e será aportado pelo Tesouro Nacional, a partir Medida Provisória 472, aprovada dia 15 deste mês, que prevê a liberação de até R\$ 15 bilhões para a indústria naval.

Dentre os projetos anunciados, a maior parte dos recursos será destinada para a Transpetro, que vai construir sete petroleiros no estaleiro Atlântico Sul (EAS) e três navios para transporte de bunker no estaleiro Superpesa. As embarcações foram contratadas dentro da segunda fase do Programa de Modernização e Expansão da Frota da Transpetro (Promef II).

A previsão de investimento nesses contratos é de R\$ 3 bilhões, dos quais 82% serão financiados pelo fundo. Os 20% restantes serão desembolsados pelos estaleiros (8%) e pela Transpetro (10%). Esses navios serão usados no desenvolvimento da produção de petróleo e gás natural no pré-sal.

Para o presidente da Transpetro, Sergio Machado, a aprovação do financiamento do fundo para os navios do Promef II demonstra o compromisso do Governo Federal com o programa e com a reconstrução da indústria naval brasileira.

“O fundo tem garantido apoio a todos os projetos aprovados pelo seu Conselho Diretor.

Temos crédito suficiente e demanda de longo prazo. 2009 foi um ano exitoso para a indústria naval, e as perspectivas que se abrem para 2010, com o lançamento dos seis primeiros navios do Promef, são ainda mais animadoras”, avalia. A escolha das melhores propostas na licitação da Transpetro, da qual o Promar participa, está prevista para ocorrer ainda este ano.

Em seguida, terão início as negociações para fechar o melhor preço, o que deve ocorrer ainda no primeiro semestre de 2010. (Com agências).